

“ESCOLA SEM PARTIDO”: UMA DISTORÇÃO DA FORMAÇÃO HUMANA INCULCADA PELAS CLASSES DOMINANTES

*Maria Kelly Rocha da Silva**, *José Gerardo Vasconcelos***,
*Isabele Barbosa da Silva Monteiro****, *Suyane Lima de Carvalho*****

RESUMO

O estudo visa à compreensão do movimento Escola sem Partido, suas características e como essa ideologia vem sendo inculcada na sociedade. A discussão se efetiva sobre como esse movimento causa um retrocesso na formação humana e de que forma as classes dominantes se articulam com essa ideia para subjugar a classe dominada. O objetivo deste artigo é analisar aspectos do movimento Escola sem Partido que culminam na distorção da formação humana. Utiliza-se a pesquisa bibliográfica a fim de investigar pontos relevantes sobre a temática e, com isso, revelar aspectos a respeito desse movimento causadores da deformação do conhecimento. Consta-se que o movimento Escola sem Partido, através da sua ideologia contrária ao verdadeiro significado do processo educativo, impõe novas formas de pedagogias que se inclinam para o fracasso por meio da manipulação ideológica.

Palavras-chave: classes dominantes; Escola sem Partido; formação humana.

* Mestranda em Educação Brasileira pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC). Bolsista CAPES. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2532-8187>. Correio eletrônico: kellyrocha@alu.ufc.br.

** Pós-doutor em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), em História da Educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor da Universidade Federal do Ceará (UFC). Tutor do Programa de Educação Tutorial (PET) – Pedagogia da UFC. ORCID: <https://orcid.org/0000.0003.0559.2642>. Correio eletrônico: gerardovasconcelos1964@gmail.com.

*** Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Bolsista PIBIC pelo CNPq. ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-7632-0322>. Correio eletrônico: isabelebarbosa@alu.ufc.br.

**** Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Bolsista PIBIC pelo CNPq. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4309-3860>. Correio eletrônico: suyanelima@alu.ufc.br.

**“SCHOOL WITHOUT PARTY”: A DISTORTION OF HUMAN FORMATION
PROMOTED BY THE RULING CLASSES**

ABSTRACT

This study aims to understand the School without Party movement, its characteristics and how this ideology has been instilled in society. The discussion focuses on how this movement causes a setback in the human formation and how the ruling classes use this idea to subjugate the ruled class. The aim of this article is to analyze aspects of the School without Party movement that culminate in the distortion of human formation. One uses bibliographical research in order to investigate relevant points on the subject and thus reveal aspects of this movement that cause the distortion of knowledge. One observes that the School without Party movement, with its ideology contrary to the true meaning of the educational process, imposes new forms of pedagogy that lean towards failure through ideological manipulation.

Keywords: *ruling classes; School without Party; human formation.*

2

**“ESCUELA SIN PARTIDO”: UNA DISTORSIÓN DE LA FORMACIÓN HUMANA
INCULCADA POR LAS CLASES DOMINANTES**

RESUMEN

Se objetiva comprender el movimiento Escuela sin Partido, sus características y cómo se está inculcando esa ideología en la sociedad. Se discute cómo ese movimiento provoca retroceso en la formación humana y de qué manera las clases dominantes se articulan con esa idea para someter a la clase dominada. El objetivo de este artículo es analizar aspectos del movimiento Escuela sin Partido que resultan en la distorsión de la formación humana. Se utiliza la investigación bibliográfica para examinar los puntos relevantes sobre la temática y, con ello, revelar aspectos de ese movimiento causantes de la deformación del conocimiento. Se constata que el movimiento Escuela sin Partido, a través de su ideología contraria al verdadero significado del proceso educativo, impone nuevas formas de pedagogías que se vuelcan al fracaso mediante la manipulación ideológica.

Palabras clave: *clases dominantes; Escuela sin Partido; formación humana.*

1 INTRODUÇÃO

A escola não é neutra. É um lugar de sujeitos que possuem autonomia para refletir sobre a história da sociedade e pensar acerca do papel de protagonistas dos indivíduos no processo educativo do qual fazem parte e sobre como a educação pode contribuir para melhorar a relação entre educação e sociedade. Nessa questão, há interesses políticos porque a escola faz parte de um complexo maior, que é a própria sociedade, e esta é organizada pela política. Assim, não existem lugares neutros, pois os sujeitos são seres de interesses, sejam interesses individuais, sejam interesses coletivos.

A escola é uma instituição para a qual, em tese, todos vão para aprender os conhecimentos necessários para a vida em sociedade. Estudamos para depois conseguirmos um trabalho e, dessa forma, contribuirmos para a coletividade, aplicando aprendizados teóricos em práticas essenciais para o desenvolvimento da humanidade. A principal modificação que fez com que a escola se tornasse essencial foi a preparação para as relações sociais de produção. Provavelmente esse seja o motivo para as interferências e disputas de classes. Então, não é à toa o surgimento do movimento Escola sem Partido.

Escola sem Partido é um movimento que se diz preocupado com a política ideológica instalada nas escolas, mas o intuito, na verdade, é o de acabar com a liberdade e a democracia que a escola ainda representa, inibindo professores e promovendo o medo e a desconfiança no ambiente escolar, com a intenção clara de provocar um retrocesso na formação humana. Vivemos em uma sociedade de classes antagônicas desde a formação do Estado brasileiro: colonizador x colonizados; patrão x funcionários; rico x pobres. A classe dominante é aquela que oprime dominados (pessoas pobres, sem instrução, fadadas à derrota). A escola é o meio libertador para a reflexão crítica sobre a realidade e, por esse motivo, é alvo de ataques. A intenção é impedir que o oprimido se arme do conhecimento, da verdade sobre os fatos.

Assim, na problemática do estudo, indagamos o seguinte: como a ideologia Escola sem Partido deturpa a promoção da formação humana? Para responder a essa pergunta, buscamos nos aprofundar em pesquisas que tratam do assunto, além de outros estudos sobre educação, transformação social e produção de massas. Dessa forma, o objetivo deste artigo é analisar aspectos do movimento Escola sem Partido que culminam na distorção da formação humana. O estudo pretende realizar uma pesquisa bibliográfica, que “[...] tem a finalidade de aprimoramento e atualização do conhecimento, através de uma investigação científica de obras já publicadas” (SOUSA; OLIVEIRA; ALVES, 2021, p. 65), que tratam de pontos

relevantes sobre a temática e permitam-nos formular características causadoras da (de)formação do conhecimento.

Os principais referenciais teóricos utilizados foram Enguita (1989), Freire (2022), Frigotto (2017), Moura (2018), Saviani (2006), além de outros autores que contribuíram, de forma significativa, para a construção e finalização das ideias deste estudo.

2 “ESCOLA SEM PARTIDO”, RETROCESSO DA FORMAÇÃO HUMANA

O Escola sem Partido se firma como um movimento “preocupado” com as possíveis discussões políticas nas escolas. Em nome dele, estudantes e pais se unem para denunciar professores que estejam discutindo assuntos referentes à política. Esse movimento tem como objetivo “[...] dar visibilidade à instrumentalização do ensino para fins políticos, ideológicos e partidários” (ALGEBAILLE, 2017, p. 64), um verdadeiro retrocesso para a educação e a formação humana. Esta formação está atrelada a um processo que vai sendo construído ao longo da vida, por meio de experiências e aprendizagens. Para Saviani (2006, p. 154),

O homem não nasce homem. Ele forma-se homem. Ele não nasce sabendo produzir-se como homem. Ele necessita aprender a ser homem, precisa aprender a produzir sua própria existência. Portanto, a produção do homem é, ao mesmo tempo, a formação do homem, isto é, um processo educativo. A origem da educação coincide, então, com a origem do homem mesmo.

4

Somos sujeitos em constante aprendizagem: primeiro aprendemos com a família, depois com nossos pares e completamos nossa educação na escola, lugar de desenvolvimento do pensamento crítico. Por isso, “Entender aquilo que está subjacente ao ideário do Escola sem Partido e seu sentido de ameaça à vivência social e à liquidação da escola pública como espaço de formação humana” (FRIGOTTO, 2017, p. 17) é necessário para que possamos evitar o desmonte da educação e, conseqüentemente, a perda de liberdade. Esta vem sendo utilizada como uma arma por aqueles que defendem a ideologia do movimento Escola sem Partido, para reclamar o direito de impedir que os professores falem sobre democracia, uma verdadeira distorção da realidade.

Segundo Freire (2022), o ato de reivindicar por liberdade deve ser usado para instigar outras práxis, ações que busquem novas garantias e sirvam de inspiração para aqueles que se encontram em situação de opressão. O sentido de liberdade, portanto, não deve ser usado como pretexto de manipulação e deturpação dos fatos, pois, do contrário, estaríamos

caminhando rumo a uma sociedade doente, que se utiliza da conveniência para reclamar direitos vazios, totalmente egoístas e sem fundamentação lógica.

O movimento Escola sem Partido é um movimento ardiloso, que, “[...] sob a ideologia da neutralidade do conhecimento e da redução do papel da escola pública de apenas instruir, esconde-se a privatização do pensamento e a tese de que é apenas válida a interpretação dada pela ciência da classe detentora do capital” (FRIGOTTO, 2017, p. 29). Esse movimento surgiu em 2003, fundado pelo procurador de São Paulo Miguel Nagib. Conforme Moura (2018, p. 2),

Nagib foi membro do Instituto Liberal de Brasília, cuja missão é defender e difundir valores neoliberais com o apoio financeiro de grandes grupos econômicos. Foi nesse espaço seu maior contato com as teses de Nelson Lehmann da Silva e Olavo de Carvalho, ideólogos da concepção de “doutrinação” na educação brasileira.

De acordo com Moura (2018), a Federação dos Professores do Estado de São Paulo (2019) e a Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (2023), foi possível elaborar um breve histórico sobre o início e desenvolvimento do movimento Escola sem Partido, constatando a real intenção das pessoas e grupos por trás dessa ideologia e como o cenário político do país foi influenciado ou manipulado para desencadear o resultado das eleições de 2018, que contribuíram para a efetivação da eleição de Jair Messias Bolsonaro. No Quadro 1, é possível acompanhar a movimentação do Escola sem Partido.

5

Quadro 1 – Breve histórico do movimento Escola sem Partido

Histórico do movimento Escola sem Partido	
Ano	Evento
2003	Inicia o movimento Escola sem Partido.
2014	O movimento é levado a sério. Flávio Bolsonaro encomenda um projeto de lei.
2016	O movimento Escola sem Partido passa a influenciar as eleições.
2017	O Movimento Brasil Livre (MBL) cria o dia nacional de mobilização pelo movimento Escola sem Partido.
2018	O movimento Escola sem Partido contabiliza mais de 150 projetos, com a crença de doutrinação de esquerda e de gênero nas escolas.
2018	O movimento Escola sem Partido apoia a candidatura de Jair Messias Bolsonaro.
2019	Nova versão do movimento Escola sem Partido é apresentada pela deputada Bia Kicis, do Partido Social Liberal (PSL) – Distrito Federal, permitindo gravações de aulas, denúncias anônimas, proibição de atividades político-partidárias.
2021	O Supremo Tribunal Federal (STF) considera inconstitucional a implementação em Alagoas do Escola Livre, inspirado no movimento Escola sem Partido, decisão que afeta todos os projetos semelhantes nos estados.
2023	Deputado estadual Rodrigo Amorim, do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), apresentou, na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, o Projeto de Lei n.º 45/2023, com o objetivo de instituir o programa Escola sem Partido nas escolas e universidades do Rio de Janeiro.

Fonte: adaptação de Silva (2023).

O quadro explicativo sobre a movimentação do Escola sem Partido demonstra um percurso intencional de inculcar, nas escolas, principal aparelho ideológico do Estado, uma ideia de pedagogia às avessas. A ciência que trata da educação dos jovens e do seu desenvolvimento cognitivo vai se transformando em pedagogias: do medo, dos delatores e da violência, o que representa mais um movimento para diminuir as chances de ascensão da classe de trabalhadores, pois tenta implantar um sistema de controle e domesticação sobre uma classe de oprimidos que, na verdade, representa a grande maioria da população.

O Escola sem Partido expressa o epílogo de um processo que quer estatuir uma lei que define o que é ciência e conhecimentos válidos, e que os professores só podem seguir a cartilha das conclusões e interpretações da ciência oficial, uma ciência supostamente não neutra. Para isso, manipula até mesmo o sentido liberal de política, induzindo a ideia de que a escola no Brasil estaria comandada por um partido político e seus profissionais e os alunos seres idiotas manipulados (FRIGOTTO, 2017, p. 29).

É muito preocupante que a educação, no geral, esteja sendo atacada, que o sentido da educação esteja sendo distorcido e manipulado e que as pessoas estejam comprando essa ideia de forma tão passiva. Parece que a classe dominante está afirmando que “[...] o bem da sociedade exige que os conhecimentos do povo não se estendam além de suas concepções” (CHARLOT; FIGEAT, 1985, p. 84 *apud* ENGUITA, 1989, p. 110). Bem da sociedade por quê? O povo não pode viver na obscuridade, porque “[...] quanto mais ignorante o povo, mais disposto está a ser subjugado por seus próprios preconceitos ou pelos charlatões de todo gênero que o assediam” (CHARLOT; FIGEAT, 1985, p. 84 *apud* ENGUITA, 1989, p. 112). A grande maioria da população ficaria à mercê de corruptos e corruptores que, de quatro em quatro anos, ascendem ao poder e vão aos poucos roubando nossos direitos sociais.

A implementação do movimento Escola sem Partido, segundo Frigotto (2017), transformaria a pedagogia que conhecemos, revestida do sentimento de envolvimento com as famílias e a dialética que impulsiona novos saberes e consequentemente novas perspectivas, em uma pedagogia para a formação de delatores, treinados para o fim de impedir a ascensão do conhecimento e a liberdade de expressão. Isso significaria que “O ensino deve assegurar às crianças excelentes hábitos de ordem, de propriedade, de trabalho e de prática religiosa que farão delas crianças mais submissas e pais mais devotos” (LE GOFF, 1985, p. 54 *apud* ENGUITA, 1989, p. 114), provocando uma verdadeira cegueira coletiva e impedindo o pensamento autônomo e revolucionário.

Professores possuem o compromisso de formar cidadãos aptos para encararem a opressão do sistema capitalista frente às realidades diversas que impedem a ascensão do pobre

proletariado. “Trata-se de, pelo confronto de visões de mundo, de concepções científicas e de métodos pedagógicos, desenvolver a capacidade de ler criticamente a realidade e constituírem-se sujeitos autônomos” (FRIGOTTO, 2017, p. 31), tudo aquilo que o Escola sem Partido condena, pois seus objetivos consistem em transformar os jovens dessa época em verdadeiros “zumbis”, seres desprovidos de raciocínio e intelectividade para pensarem por si próprios.

Como é possível que surjam movimentos do tipo Escola sem Partido, que é contra as pessoas? Como pode o sistema capitalista desenvolver um caráter tão ruim na humanidade? Será que, a longo prazo, é possível mudar a concepção do “ter sempre mais” e a qualquer custo? Não podemos deixar que essa ideologia desumana distorça tudo o que a sociedade já conseguiu, através de batalhas, muitas delas sangrentas, com o fim de melhorar a situação social, os direitos humanos e, sobretudo, a educação.

3 CLASSE DOMINANTE VERSUS CLASSE DOMINADA

O desenvolvimento da humanidade foi um processo de adaptação lento que conduziu as pessoas a viverem em coletividade e a se assentarem não mais como nômades, mas sim como sedentários. Surgiram então a ideia de propriedade e a relação de produção para a subsistência, mas, com o tempo, a propriedade privada e as forças produtivas “Conduziram à divisão da população em classes diferentes e, portanto, no antagonismo entre as classes dominantes e as classes oprimidas” (ENGELS, 1999, p. 27). A humanidade foi se desumanizando com a separação de dois grupos que se encontram em lados opostos do capitalismo.

A classe dominante, ávida por mais recursos e posses, começou a sobrepor seus interesses sobre uma classe de dominados; “[...] os interesses das classes dominantes converteram-se no elemento propulsor da produção, enquanto esta não se limitava a manter, bem ou mal, a mísera existência dos oprimidos [...]” (ENGELS, 1999, p. 27), pois a cegueira do capital impedia qualquer ato de consciência e humanidade. A classe subjugada passou então a sofrer injustiças e a ser constantemente controlada, pois era conveniente, e continua sendo, que a classe oprimida seja a força motora dessa sociedade desumana. A escola, então, lugar de instrução, passou a funcionar como meio de manipulação e separação das classes, o que fica cada vez mais evidente.

Assim, a escola, ambiente formador e problematizador dos aspectos que conduzem as relações sociais, tornou-se alvo de pessoas e grupos elitistas, alheios às mazelas globais e desprovidos de um olhar empático voltado aos grupos mais desfavorecidos. Esses grupos elitistas usam seus conhecimentos para inventar e implementar ideias que promovem a distorção dos fatos. Desse modo,

As teses do Escola sem Partido não podem ser entendidas nelas mesmas e [sic] nem como algo que afeta apenas a escola e os educadores. Pelo contrário, um olhar na perspectiva da historicidade dos fatos e fenômenos, vale dizer, das determinações mais profundas e menos visíveis que os constituem, indica-nos que se trata de algo já sedimentado nas relações sociais (FRIGOTTO, 2017, p. 18).

Desse modo, para Frigotto (2017), ao longo da história da humanidade, sempre existiram grupos elitistas que construíram sociedades independentes com valores de autonomia e liberdade e que, apesar da separação e do embate contínuo de classes, desenvolveram ali direitos que são a base para a efetividade dos movimentos e relações humanas que demandam as civilizações. O problema é quando, munidos pelo ódio, começam a desumanizar as ações para o desenvolvimento da sociedade.

A sociedade brasileira tem, na sua história, a marca das ditaduras que atrasaram o progresso da nação, que representavam nada mais do que a constante luta das classes dominantes para “[...] impedir avanços das lutas populares e da classe trabalhadora na busca dos direitos elementares do acesso a terra, comida, habitação, saúde, educação e cultura” (FRIGOTTO, 2017, p. 20). Parece que esses direitos básicos são aos poucos fornecidos à população, mas não de forma completa, não de forma eficaz, não de forma efetiva, e sim como migalhas lançadas para calar a boca daqueles mais revoltos do sistema.

A escola é a base da escada que os oprimidos precisam e devem subir para buscar o conhecimento sobre fatos da sociedade e sobre tudo o que a movimenta. Nesse sentido, é necessário o entendimento sobre política, já que as sociedades são construídas através de atos políticos que ditam, que fazem e que transformam o meio e a vida das pessoas. Ficar alheio a isso é nos desfazer do poder de mudança; é nos colocar algemas e permitir que sejamos guiados por mal-intencionados.

4 INTOLERÂNCIA E ÓDIO: ESCOLA EM CRISE OU SOCIEDADE EM CRISE?

A educação – sobretudo a educação pública, aquela que permite aos pobres e filhos do proletariado algum tipo de esperança para lutar por melhores condições de vida – nunca foi

prioridade no governo brasileiro, por isso acreditamos que a escola esteve em crise desde sua formação. Como ela é o reflexo da sociedade, parece-nos que esta também nos revela sua crise. Assim, Frigotto (2017, p. 18) nos chama a atenção, ao falar sobre a crônica *O alarme*:

Com argúcia e sensibilidade de quem está atento à nossa formação histórica, de sociedade marcada pelo estigma escravocrata e colonizador, de uma classe dominante que incorporou esse estigma em seu DNA e se expressa pelo autoritarismo político e pela violência de ditaduras e golpes institucionais, a questão que Verissimo nos apresenta e que deve nos perturbar é se nós estamos percebendo o sentido e a gravidade dos sinais de desagregação, de intolerância e de ódio que estão germinando em nossa sociedade.

Caro leitor, talvez um sinal muito claro da intolerância que se alastra por nossas “avenidas” e chega às escolas seja a ideia propalada pelo Escola sem Partido, que distorce o sentido da arma mais poderosa que a classe de dominados tem, qual seja, a educação, de crianças, jovens, adultos e – por que não – idosos, pois o referido movimento age e incita estudantes e pais a agirem de forma violenta, provocando medo, pavor nos professores, que tanto lutam pela disseminação do que é verdadeiro e lógico. Esse movimento acredita que a escola deve ser neutra.

9

É pela aprendizagem de alguns saberes contidos na inculcação maciça da ideologia da classe dominante que, em grande parte, são reproduzidas as relações de produção de uma formação social capitalista, ou seja, as relações entre exploradores e explorados, e entre explorados e exploradores. Os mecanismos que produzem esse resultado vital para o regime capitalista são naturalmente encobertos e dissimulados por uma ideologia da escola universalmente aceita, que é uma das formas essenciais da ideologia burguesa dominante: uma ideologia que representa a escola como neutra, desprovida de ideologia (ALTHUSSER, 1976, p. 80).

O movimento Escola sem Partido promove “[...] um sentido autoritário, que afirma-se [*sic*] na criminalização das concepções de conhecimento histórico e de formação humana que interessam à classe trabalhadora e em posicionamentos de intolerância e ódio com os movimentos sociais” (FRIGOTTO, 2017, p. 18). Essa realidade evidencia a crise na escola contra os professores, mas sabemos que existem outros assuntos, como a contrarreforma do ensino médio, que também desestabilizam a educação.

Segundo Lessa (1999), o homem sofre um processo de alienação quando ele próprio produz sua desumanidade. Ao estranhar a si mesmo, distorcendo valores sociais, o homem promove uma crise que atinge toda a sociedade. Mesmo que, a princípio, tenha a classe de trabalhadores como alvo, no final toda a humanidade sofre os impactos, mesmo que sejam a curto ou longo prazo. Quando o homem produz sua desumanidade, começa a cultivar um

“câncer”, de início silencioso mas muito destrutivo, o qual, sem o devido cuidado, pode se alastrar, caminhando para um fim fatídico. Dessa forma,

A manutenção de um sistema social, cada vez mais desigual e excludente, no plano mundial, em nome de salvar o lucro de minorias, só pode sustentar-se pela manipulação ideológica das massas pelo monopólio da mídia empresarial e pela pedagogia do medo e da violência (FRIGOTTO, 2017, p. 24).

A crise da escola ficou muito evidente com as ideias do Escola sem Partido, pois os professores sentiram de perto o medo provocado pelo ódio à lógica da realidade que é ensinada nas escolas. Esse ódio é carregado de uma alienação ideológica que acredita fielmente que o conhecimento sobre os fatos políticos que movimentam a estrutura social não deva ser ensinado aos estudantes, o que causa um aneurisma cerebral quando tentamos compreender a lógica dessa distorção, fundada na intolerância à descoberta da verdade sobre os fatos. “Escola sem Partido avança num território que historicamente desembocou na insanidade da intolerância e da eliminação de seres humanos [...]. Uma proposta que é absurda e letal pelo que manifesta e pelo que esconde” (FRIGOTTO, 2017, p. 31). Tentam acabar com o pensamento crítico e conseqüentemente com as lutas por mais direitos sociais.

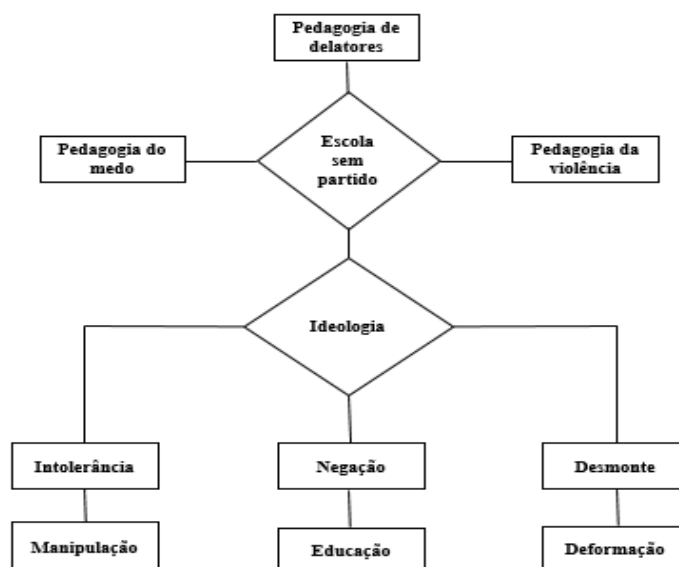
A crise da sociedade, da escola e da humanidade tem um motivo: o embate histórico entre a classe dominante, que vive a subjugar os mais pobres e impedir o acesso ao conhecimento libertador, e a classe dominada, que vive a ser explorada de todas as formas, em prol de sustentar todos os benefícios da elite. A crise é provocada pelo ódio e intolerância a qualquer forma de liberdade e ascensão social da classe dominada, pois isso acarretaria um desequilíbrio na estrutura do sistema dominador, com a conseqüente perda de vantagens e poder social.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O movimento Escola sem Partido, através da sua ideologia contrária ao verdadeiro significado do processo educativo, pela manipulação ideológica, impõe novas formas de pedagogias que se inclinam para o fracasso, pois não se sustentam em conhecimentos científicos, embasados por estudos preocupados com o desenvolvimento da humanidade, que é humana não só na forma de pensar o outro, mas também no agir com o outro. A Figura 1 mostra o retrato do estudante imerso neste cenário burguês e completamente sob o viés

político, que, de forma avessa, vai absorvendo ideias extremistas sobre o papel que a escola exerce.

Figura 1 – Produção de pedagogias avessas



Fonte: elaborada pelos autores.

Diante disso, constatamos a idealização de três tipos de pedagogias: a de delatores, a do medo e a da violência. A primeira (pedagogia de delatores) incita que o educando em sala de aula feche os olhos para os aspectos problematizadores da realidade histórica, buscando distorcer as falas dos professores ou mesmo descontextualizá-las, para então agir como delator da educação, que necessita ser transgressora da barbárie. Age com intolerância, desprovido de um senso de criticidade para refletir sobre o momento, manipulado por um sistema criminoso, que desconforma a realidade, usando, para tanto, jovens ainda em processo de maturidade.

A segunda (pedagogia do medo) recai sobre os professores e colegas da sala de aula, que ficam com medo de expor suas opiniões, pois sabem que podem ser gravados, com suas falas sendo distorcidas, manipuladas, para dar credibilidade a uma ideologia que assassina a liberdade de opinião e impede que o ambiente educacional seja um lugar de reflexão, de discussão de ideias, que se possa ter autonomia para expressar um pensamento revolucionário, aquele que problematiza a sociedade. Essa pedagogia que tentam implantar nega a educação.

A terceira (pedagogia da violência) produz ações extremistas, sem respeito ao professor ou aos colegas. O estudante passa a frequentar a escola não mais para aprender os conteúdos necessários para a sua formação, e sim para atacar todos que sejam contra a

ideologia do Escola sem Partido, como numa histeria coletiva, uma neurose que deforma o ensino e caminha para o desmonte do processo educativo.

O movimento Escola sem Partido é uma ideologia que produz características distorcidas sobre o processo de formação, inculcando ideias elitistas e alheias aos movimentos democráticos. O Quadro 2 mostra, de forma muito sintética, aspectos que foram, desde a criação do programa, configurando-se em características deformativas do processo de estruturação da educação, com ideias que visavam ao desmonte da ciência e à distorção dos fatos históricos, até a manipulação e implementação de uma utopia favorável aos interesses da classe dominante, tentando impor devaneios convenientes aos interesses elitistas.

Quadro 2 – Aspectos do movimento Escola sem Partido

Aspectos do Escola sem Partido que culminam na distorção da formação humana	
01	Instrumentalização do ensino para fins políticos, ideológicos e partidários.
02	Deformação do processo educativo do homem.
03	Desmonte da educação.
04	Negação de uma educação democrática.
05	O sentido de liberdade é usado como pretexto de manipulação e deturpação dos fatos.
06	Privatização do pensamento.
07	Definição de ciência e conhecimentos, segundo a ideologia do Escola sem Partido.
08	Implementação de uma pedagogia para a formação de delatores.
09	Impedimento para desenvolver a capacidade de ler criticamente a realidade.
10	Desagregação, intolerância e ódio.
11	Pedagogia do medo e da violência.

Fonte: elaborado pelos autores.

O Escola sem Partido surgiu do ódio que a classe dominante tem sobre o conhecimento que é ensinado nas escolas, que problematiza a realidade social, e acerca do fato de que a sociedade é construída por atos políticos. Esse conhecimento revela as injustiças sociais, as mazelas dos mais pobres, a falta de empatia dos políticos no poder, as tramas e os acordos políticos que favorecem uma minoria. Esses ensinamentos proporcionam uma aprendizagem libertadora sobre o que acontece no meio político e estimulam o cultivo de um pensamento claro e saudável sobre a luta por direitos do povo, que é massacrado pela falta de políticas públicas - estas necessárias ao estabelecimento de uma nação mais humana.

O estudo pôde constatar, através da pesquisa bibliográfica, diversos aspectos sobre o movimento Escola sem Partido que o caracterizam como uma ideologia contrária à formação humana. Entre esses aspectos, podemos destacar os seguintes: instrumentalização do ensino para fins políticos, ideológicos e partidários; deformação do processo educativo do homem; desmonte da educação; negação de uma educação democrática; uso do sentido de liberdade como pretexto de manipulação e deturpação dos fatos; privatização do pensamento; definição de ciência e conhecimentos válidos, segundo a ideologia da Escola sem Partido;

implementação de uma pedagogia para a formação de delatores; impedimento para desenvolver a capacidade de ler criticamente a realidade; desagregação, intolerância e ódio; pedagogia do medo e da violência.

Nesse sentido, fica clara a intencionalidade da classe dominante com a ideia do movimento Escola sem Partido, pois o intuito é de controle social, que só prejudica a classe dominada, fadada a viver na obscuridade dos fatos, inerte a lutar por condições mais igualitárias. A tentativa do movimento é inibir o conhecimento sobre a verdade, impedindo, para tanto, que professores ministrem os conteúdos planejados, desprovidos de ideologias preconceituosas e manipuladoras. O movimento Escola sem Partido é uma ideia que provoca crise na instituição escolar, com movimentos que induzem o ódio e a violência aos professores, alunos e toda a sociedade. É irônico que seja questionada a neutralidade da escola sobre o aspecto político, quando, na verdade, esse movimento é um ato político contra a nação. É sobre a liberdade de compreender a política, que nos envolve de forma muito direta, que esse assunto precisa e deve ser discutido nas escolas.

Nessa perspectiva, a escola precisa falar urgentemente sobre política, justamente para evitar que pessoas com ideologias absurdas se voltem contra o povo e contra as garantias que foram conquistadas com muito custo, para evitar que os fatos sejam distorcidos e manipulados em prol da classe dominante, que representa uma elite alheia, por conveniência, às mazelas sociais.

13

REFERÊNCIAS

ALGEBAILLE, Eveline. Escola sem partido: o que é, como age, para que serve. *In*: FRIGOTTO, Gaudêncio (org.). **Escola “sem” Partido**: esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira. Rio de Janeiro: UERJ, 2017. p. 63-74.

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. Tradução de Maria Laura Viveiros de Castro. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1976.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO (CNTE). **Escola sem Partido transformou perseguição a trabalhadores/as em educação em parte do cotidiano escolar**. Brasília, DF: CNTE, 2023. Disponível em: <https://www.cnte.org.br/index.php/menu/comunicacao/posts/noticias/75730-escola-sem-partido-transformou-perseguiacao-a-trabalhadores-as-em-educacao-em-parte-do-cotidiano-escolar>. Acesso em: 20 maio 2023.

ENGELS, Friedrich. **Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem**. [S. l.]: Ridendo Castigat Mores, 1999.

ENGUITA, Mariano Fernández. Do lar à fábrica, passando pela sala de aula: a gênese da escola de massas. *In*: ENGUITA, Mariano Fernández. **A face oculta da escola: educação e trabalho no capitalismo**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. p. 105-131.

FEDERAÇÃO DOS PROFESSORES DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Escola sem Partido volta ao congresso, mas agora pior**. São Paulo: Fepesp, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 84. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A gênese das teses do “Escola sem Partido”: esfinge e ovo da serpente que ameaçam a sociedade e a educação. *In*: FRIGOTTO, Gaudêncio (org.). **Escola “sem” Partido: esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: UERJ, 2017. p. 17-34.

LESSA, Sérgio. O processo de produção/reprodução social – trabalho e sociabilidade. **Capacitação em Serviço Social e Política Social**, Brasília, DF, v. 2, p. 1-16, 1999.

MOURA, Fernanda Pereira. Escola sem partido: origens e ideologias. **Ciência Hoje**, Rio de Janeiro, n. 349, 2018.

SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. *In*: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 29., 2006, Caxambu. **Anais [...]**. Caxambu: Anped, 2006.

SOUSA, Angélica Silva; OLIVEIRA, Guilherme Saramago; ALVES, Laís Hilário. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Revista Cadernos da Fucamp**, Monte Carmelo, v. 20, n. 43, p. 64-83, 2021.

Recebido em: 30 ago. 2023.

Aceito em: 15 out. 2023.